

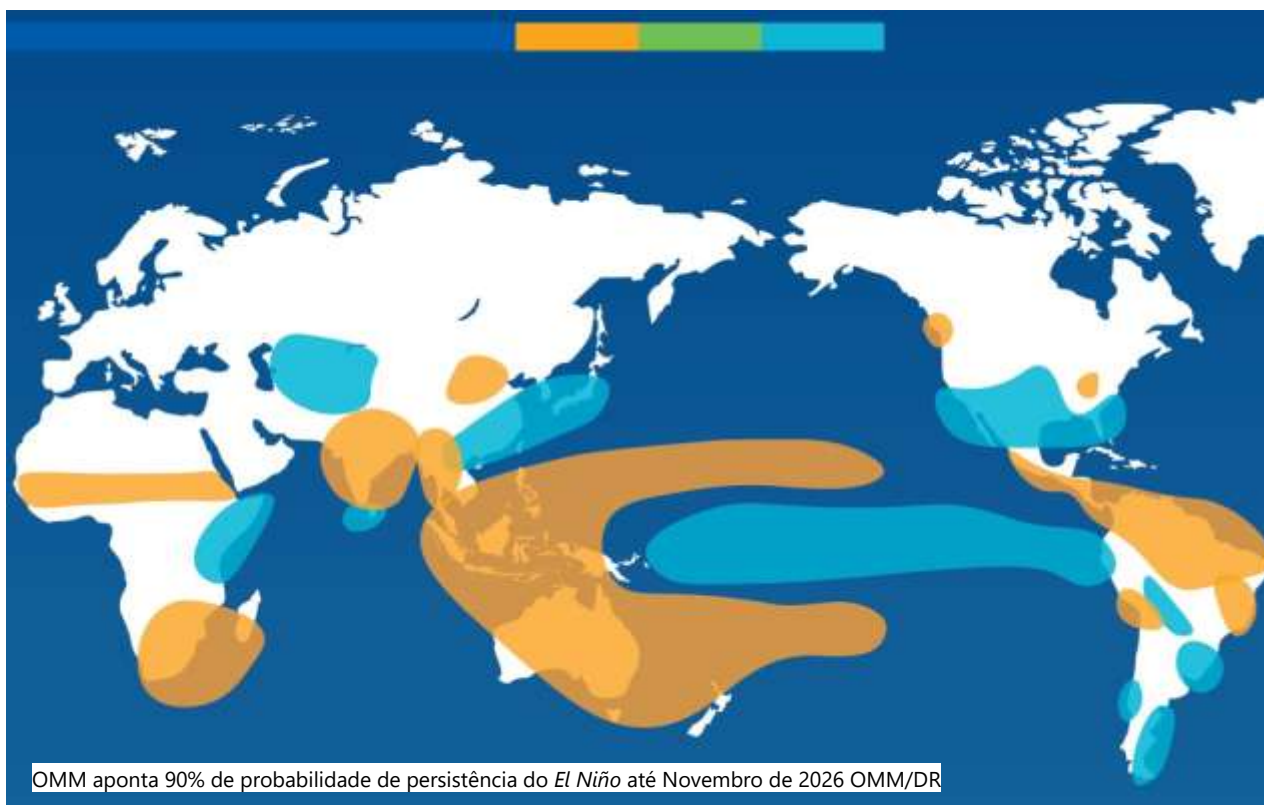
Sabia que ...

... *El Niño* aproxima-se, com 80% de probabilidade de se instalar entre junho e agosto?

Impulsionado por águas invulgarmente quentes no Pacífico tropical, um novo episódio de *El Niño* vai atingir um planeta mais quente e vulnerável – com impactos indiretos que Portugal não pode ignorar.

Há um novo aviso climático da Organização Meteorológica Mundial (OMM): a probabilidade de o *El Niño* persistir até, pelo menos, novembro de 2026 aproxima-se dos 90%, com cerca de 80% de hipótese de se instalar já entre junho e agosto. “A ciência é clara: o *El Niño* está a bater à nossa porta nos próximos meses com 90% de certeza. O mundo deve tratá-lo como o aviso climático urgente que é”, afirma o secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, acrescentando que “as condições do *El Niño* irão deitar combustível para o fogo de um mundo cada vez mais quente”.

“Os impactos serão ainda mais severos, atingirão locais ainda mais distantes e atravessarão fronteiras a uma velocidade devastadora. A única resposta eficaz é uma ação climática à altura da crise – acabar com a dependência dos combustíveis fósseis, acelerar a transição para as energias renováveis, proteger os mais vulneráveis e disponibilizar sistemas de aviso precoce para todos”, afirma António Guterres.



As previsões indicam que o fenómeno deverá manter-se dominante ao longo de todo o Verão e início do Outono no hemisfério Norte, enquanto a probabilidade de condições neutras cai para apenas 10%, e o regresso da *La Niña* é considerado improvável.

O planeta volta, por isso, a olhar para o Pacífico. A poucos meses de um novo período crítico, a OMM sustenta os novos cálculos em factos concretos: “As águas oceânicas quentes estão a alimentar o desenvolvimento do *El Niño*”. Este padrão no oceano que influencia a atmosfera, lembram os cientistas, “tipicamente aumenta as temperaturas globais e impulsiona regimes de precipitação e condições meteorológicas mais extremas”.

A nova atualização científica reforça que o sinal já é inequívoco. Em meados de maio, as anomalias da temperatura da superfície do mar continuavam a aumentar no Pacífico equatorial, com valores recentes entre 0,8 graus Celsius e 0,9 graus Celsius acima da temperatura média na região de referência Niño 3.4, um indicador central na monitorização deste fenómeno natural.

Abaixo da superfície, o diagnóstico é ainda mais expressivo: massas de água com mais de seis graus Celsius acima da média estendem-se por grande parte do Pacífico tropical, criando uma reserva térmica que alimenta o aquecimento à superfície, refere o relatório divulgado pela OMM.

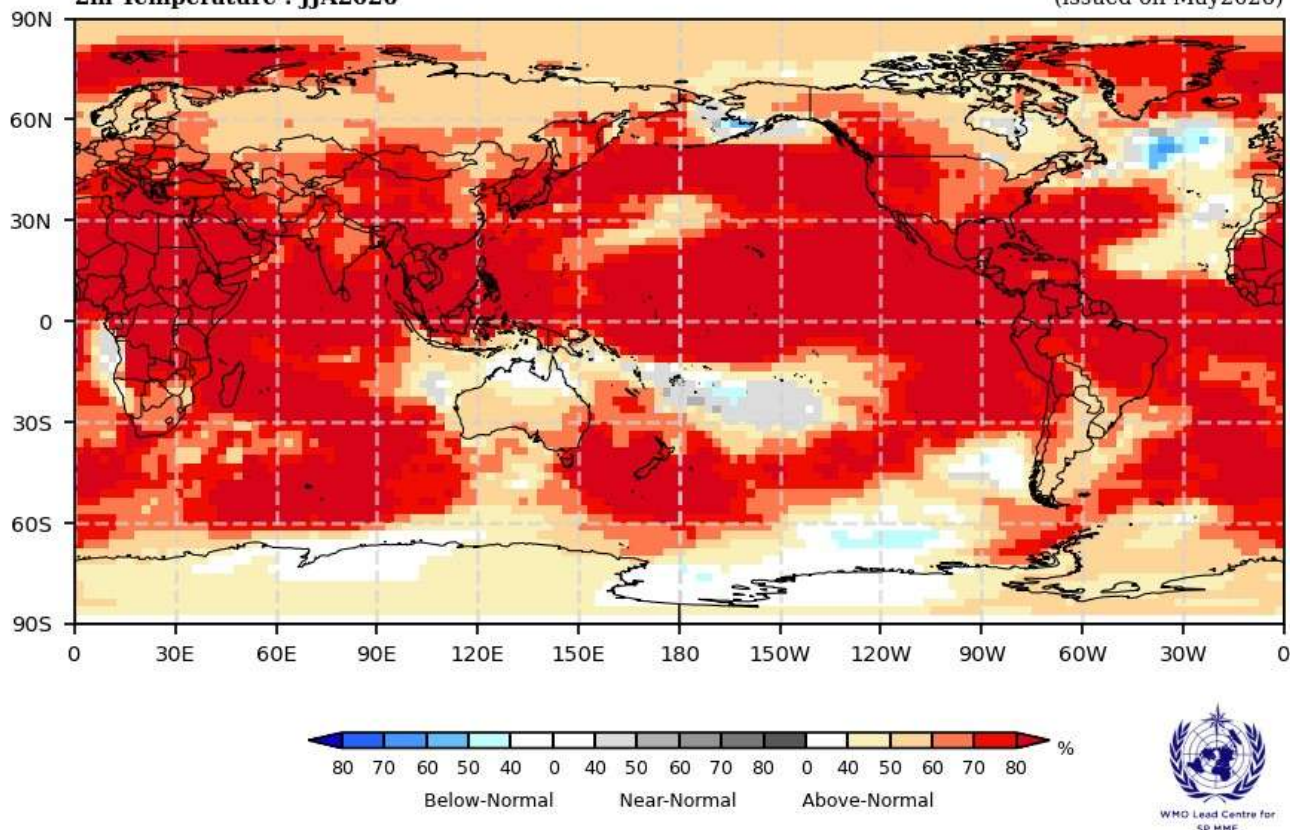
O risco é real. “Precisamos de nos preparar para um episódio potencialmente forte de *El Niño*, que agravará secas e precipitações intensas e aumentará o risco de ondas de calor, tanto em terra como no oceano”, alerta a secretária-geral da OMM, Celeste Saulo. E acrescenta: “As previsões sazonais antecipadas e os avisos precoces são vitais para salvar vidas e amortecer o impacto nas nossas economias e comunidades”.

Probabilistic Multi-Model Ensemble Forecast

CPTEC, ECMWF, Exeter, Melbourne, Montreal, Moscow, Offenbach, Seoul, Tokyo, Toulouse, Washington

2m Temperature : JJA2026

(issued on May2026)



Portugal surge frequentemente nesta discussão com uma pergunta implícita: estamos a salvo? A resposta é necessariamente complexa. O país está relativamente protegido de um impacto direto deste fenómeno oceânico, mas não dos seus efeitos indiretos que, combinados com outros fatores estruturais, podem revelar-se significativos.

Assim a amplificação do risco torna-se particularmente relevante quando o *El Niño* atua em simultâneo com outros fenómenos que afetam o nosso país: o aquecimento global, a desertificação progressiva, o abandono rural e a acumulação de combustível florestal. Ou seja, o *El Niño* pode não causar o problema, mas funciona como um amplificador de vulnerabilidades já existentes, em especial num aumento de risco de incêndio.

Em declarações ao PÚBLICO, Ricardo Trigo, climatólogo, geofísico e professor da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, já tinha deixado o aviso: o mais importante, em Portugal, é olhar para o risco de incêndios, especialmente acrescido depois do comboio de tempestades do início do ano. Um ano quente ou talvez um dos mais quentes de sempre, como preveem alguns modelos, só vai piorar a situação grave que enfrentamos em 2026.

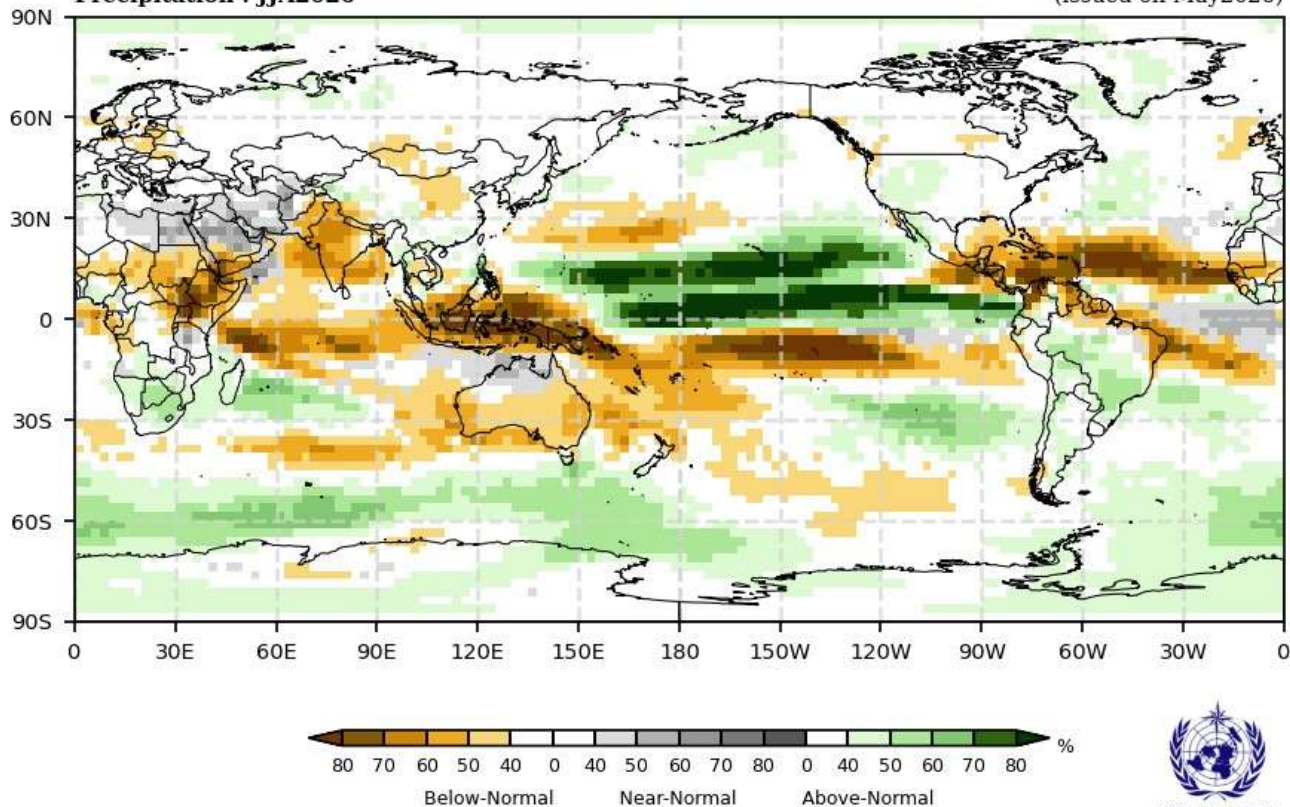
Mesmo que os efeitos diretos na Europa sejam menos lineares, segundo argumentam os cientistas, a interação entre variabilidade natural e aquecimento global aumenta a probabilidade de extremos – calor, seca, incêndios – num território já vulnerável.

Probabilistic Multi-Model Ensemble Forecast

CPTEC, ECMWF, Exeter, Melbourne, Montreal, Moscow, Offenbach, Seoul, Tokyo, Toulouse, Washington

Precipitation : JJA2026

(issued on May2026)



Este fenómeno está normalmente associado a um aumento da precipitação em algumas regiões do Sul da América do Sul, do Sul dos Estados Unidos, do Corno de África e da Ásia Central, e a condições mais secas na América Central, no Norte da América do Sul, nas Caraíbas, na Austrália, na Indonésia e em algumas regiões do sul da Ásia.

Mais do que a frequência do fenómeno, é a sua interação com um planeta mais quente que preocupa. A OMM sublinha que “não há evidência de que as alterações climáticas aumentem a frequência ou intensidade dos eventos de *El Niño*”, mas lembra que amplificam os seus efeitos.

No horizonte imediato, o cenário é claro: temperaturas acima da média em quase todo o globo e maior probabilidade de extremos climáticos. Entre o alarme e a cautela, emerge um consenso mínimo – o *El Niño* pode ser um fenómeno natural, mas os seus impactos já não ocorrem num clima “normal”.

Adaptação da publicação:

<https://www.publico.pt/2026/06/02/azul/noticia/el-nino-bate-porta-80-probabilidade-instalar-junho-agosto-2176793>